

## NIETZSCHE E A CONSCIÊNCIA HISTÓRICA MODERNA

Raylane Marques Sousa\*

Frederico de Castro Neves\*\*

### 1. NIETZSCHE, A HISTÓRIA E OS HISTORIADORES MODERNOS

No final do século XVIII e limiar do século XIX, a Alemanha se encontra diante de problemas fundamentais que influenciam decisivamente a posição assumida pelos seus historiadores de ofício. De acordo com Josep Fontana, dois problemas são mais urgentes: 1) desejo por promover a unificação política dos estados-nação; 2) desejo por modernização, abstendo-se da via revolucionária, alternativa então seguida pela França. Assim sendo, a única saída encontrada pelos intelectuais alemães para promover a integração dos estados e incentivar a modernização das unidades que compunham a Alemanha no período é via unidade cultural, pautada na língua alemã. Seguindo esse intuito, os estudiosos alemães trabalham para resgatar elementos considerados nacionais, como mitos, poesias, leis antigas, e que, ao reuni-los, crie um passado dito comum para os alemães. Paralelo a isto está a consolidação da história como ciência.

Nesse período, a história não goza ainda de um estatuto de cientificidade, e busca então a instauração do mesmo, para valer como ciência empírica. Tendo em vista isso, como aponta Josep Fontana, a história faz uso de métodos de crítica erudita, pego emprestados do campo da filologia clássica. O responsável inicial por introduzir na historiografia o método de crítica erudita da filologia clássica é o alemão Niebuhr.<sup>1</sup>

Porém, de fato, como afirma Josep Fontana, o comumente disseminador do “método científico” na história é Rank<sup>2</sup>, com suas abstrações sobre o estudo dos fatos passados. Nesse movimento que visa conferir à história um estatuto de cientificidade também aparecem os discípulos de Rank, como Droysen<sup>3</sup>, Jacob Burckhardt<sup>4</sup>, entre outros. Nesse cenário de disputas, em que a história está na iminência de ganhar um estatuto de cientificidade, Friedrich W. Nietzsche (1844-1900) emerge.

Nietzsche escreve para os historiadores alemães e contra os historiadores alemães. O referido autor, como um filho do seu tempo, isto é, um homem imerso e participante das

---

\* Graduanda em História pela Universidade Federal do Ceará – UFC. Bolsista do Programa de Educação Tutorial (PET-História/MEC-Sesu) E-mail: [marques.raylane@gmail.com](mailto:marques.raylane@gmail.com)

\*\* O presente trabalho é orientado por Frederico de Castro Neves, Doutor em História; Professor da Graduação e da Pós-Graduação do Departamento de História da Universidade Federal do Ceará (UFC). E-mail: [fredcneves@msn.com](mailto:fredcneves@msn.com)



questões do seu tempo, vivencia intensamente o turbulento momento em que a história está a serviço do poder. Em consequência disso, marcado pela descrença em relação às bases fundamentadoras do conhecimento histórico, característica predominante em seu tempo, ele escreve a sua mais longa obra sobre o valor e a necessidade do conhecimento histórico para a vida. Trata-se da obra intitulada “*Sobre a utilidade e os inconvenientes da história para a vida*”. Esse excerto pode ser considerado um libelo, no qual o ele deposita, de forma militante e polêmica, ácidas críticas à cultura e à moderna sociedade alemã de seu tempo, esta tão marcada por uma cultura histórica (*culture historique*) baseada num saber histórico pretensamente científico, vicioso e paralisador das virtudes humanas.

## **2. A HISTÓRIA-CIÊNCIA COMO PROBLEMA NA ALEMANHA PÓS-GUERRA FRANCO-PRUSSIANA E UNIFICAÇÃO ALEMÃ**

Cada uma dessas três concepções da história só é legítima quando referida a um solo e a um clima particulares: em qualquer outro lugar, elas se tornariam uma excrescência parasitária e devastadora. Quando um homem que quer fazer grandes coisas tem necessidade do passado, é por intermédio da história monumental que ele se apropria deste passado; ao contrário, aquele que se compraz com a rotina do hábito e o respeito pelas coisas antigas cultiva o passado como historiador tradicionalista; somente aquele que é oprimido pelo presente e quer e quer a todo custo livrar-se deste fardo sente a necessidade de uma história crítica, quer dizer, de uma história que julga e condena. A transposição imprudente destas espécies ocasiona muitas desgraças: o espírito que critica sem necessidade, aquele que conserva sem piedade e aquele que conhece a grandeza sem ser capaz de realizar grandes coisas são como aquelas plantas que, arrancadas do seu solo originário, retornam ao estado selvagem e degeneram.<sup>5</sup>

Em sua *II Consideração extemporânea*, Nietzsche escreve sobre três possibilidades de se narrar e interpretar o passado, a saber: história monumental (*histoire monumentale*), história tradicionalista (*histoire traditionnelle*) e história crítica (*histoire critique*).

A respeito disso, ele tece contundentes críticas ao saber histórico do século XIX e desmonta a história promovida pelos historiadores cientificistas modernos. Ele alega que o saber histórico produzido no século XIX não passa de um saber nocivo à cultura, porque corruptor da virtude, por isso indigno de crédito. Nietzsche não descarta o valor da história, pelo contrário, ele afirma que a vida tem necessidade do serviço da história. A crítica dele recai sobre o método histórico utilizado pelos historiadores cientificistas, que, segundo ele, reproduzem uma cultura já posta, dada, e por isso negam a vida. À história, para o autor, cabe a tarefa de desenvolver o novo, a partir do olhar para o passado. Ele propõe aos historiadores a inversão da então inversão feita pelos historiadores cientificistas modernos.

Segundo Nietzsche, os historiadores devem investigar o passado, mas tendo sempre em vista o presente, que é o campo suscetível de mudanças, de criação do novo, e o futuro, que é a reunião do passado e do presente. Para ele, e nisto reside o problema, os historiadores modernos se voltam ao passado e nele se fecham, o que causa a negação do presente e do futuro em detrimento do passado. Nietzsche propõe como conveniente à vida três formas de se rememorar o passado:

a) *História monumental:*

A partir do conceito de história monumental, Nietzsche faz uma crítica aos historiadores que tomam como dignos de imitação unicamente os exemplos dos grandes homens e descartam assim a utilidade e o valor dos feitos dos homens comuns do presente. O autor defende o estudo daquilo que a antiguidade produziu de clássico, mas afirma que é impossível o retorno regular do clássico, devido às mudanças e às deformações ocorridas pela passagem do tempo.

Para Nietzsche, enquanto a historiografia se basear na história monumental, fechando-se somente na análise dos feitos dos grandes homens do passado, a história será uma deformação do real, tal como a poesia. Segundo o autor, o homem que quer fazer grandes coisas tem sim necessidade do passado, mas não pode deixar que os mortos enterrem os vivos, isto é, não se pode deixar que o passado enterre o presente.

b) *História tradicionalista:*

A mais dura crítica de Nietzsche é contra esse modo conservacionista de fazer história. Segundo o ele, os historiadores conservacionistas são aqueles que cultivam, se possível, todos os objetos do passado, como um “ferro-velho ancestral”, onde tudo o que é bolorento, velho, é digno de ser guardado como patrimônio para a sociedade vindoura. Esta forma de avaliar o passado e atribuir às coisas um valor semelhante é erro. É um problema avaliar tudo a partir da mesma escala de valores, porque faz com que as coisas minúsculas tenham a mesma importância dada às coisas mais excelentes.

A paixão pelo antigo e, conseqüentemente, a veneração do pretérito, desencadeia no historiador moderno um espírito colecionador, de forma que o novo, o que está em vias de florescer, é rejeitado e esquecido em detrimento do velho, do bolorento. Quando a história deixa de servir ao presente para mumificar-se no passado, esta perde o seu fôlego, o que a degenera e a faz sucumbir. É contra esse tipo de história que Nietzsche insurge-se com mais força.

c) *História crítica*

Além da forma monumental e tradicional de olhar para o pretérito, tem-se um terceiro modo, o crítico. Para Nietzsche, a história crítica tem a função de interrogar o passado, colocando-o frente ao tribunal da história, para julgá-lo de acordo com as inquietações propostas pelo presente. O problema desta forma de se olhar o passado está no exacerbado senso de justiça que o historiador desencadeia, o qual o faz condenar todo o passado, porque o sentimento de justiça não pode ser considerado imparcial. Desta forma, o seu veredito sempre é a favor de uma determinada época em detrimento de outra.

A busca incessante pela justiça leva o historiador moderno a condenar toda injustiça, isto é, todas as formas de representação do passado. Segundo Nietzsche, a solução para não condenar todo o passado é exercitar o esquecimento. Ao esquecer um determinado recorte do passado, a vida ganha seu fôlego e se desenvolve. Entretanto, assim como a vida exige o esquecimento para poder se desenvolver, ela também exige que se rasgue o véu nebuloso que envolve todos os fatos. Para isto, é necessário o uso da justiça, que é sempre injusta em suas formas de examinar o passado.

Na opinião de Nietzsche, este é um processo perigoso para vida, porque um julgamento incoerente de determinada época pode desencadear no presente e no futuro algo ruim para a saúde de um homem, de um povo, de uma cultura.

O importante ao analisar essas três formas de se lembrar o passado é perceber como Nietzsche sugere que o homem moderno, o homem reprodutor da “cultura histórica”, pense sobre o passado, não somente como o que já passou, mas como baliza para se pensar o presente e projetar o futuro.

### **3. A FORMAÇÃO DA “CONSCIÊNCIA HISTÓRICA” MODERNA**

Como explicita o alemão Hans-Georg Gadamer, a tomada de consciência histórica na modernidade provavelmente constitui a mais importante revolução na forma de o homem pensar sobre a sua existência e sobre as questões que perpassam o seu tempo. Ela – a consciência histórica - é a marca que atesta a entrada do homem em um novo período, a modernidade.

Para Gadamer, “consciência histórica é o privilégio do homem moderno de ter plena consciência da historicidade de todo presente e da relatividade de toda opinião”.<sup>6</sup> Neste sentido, perguntarmo-nos: a consciência histórica moderna pode ser considerada mesmo um



privilégio para quem a experimentou? Não se trata de um fardo posto sobre os ombros do homem moderno?

Segundo Gadamer, o homem moderno “aprendeu a olhar o mundo com cem olhos simultâneos” e, com isso, ele pode refletir sobre a sua existência e sobre os tempos passado, presente e futuro. Nesse sentido, dito de outro modo, ele é, portanto, portador de um “senso histórico”, que o permite refletir sobre o seu presente a partir de referenciais do passado, e vice-versa, e assim projetar o futuro.

Ter senso histórico significa, nas palavras eloquentes de Gadamer,

a disponibilidade e o talento do historiador para compreender o passado, talvez mesmo ‘exótico’, a partir do próprio contexto em que ele emerge. Ter sendo histórico é superar de modo consequente a ingenuidade natural que nos leva a julgar o passado pelas medidas supostamente evidentes de nossa vida atual, adotando a perspectiva de nossas instituições, de nossos valores e verdades adquiridos. Ter senso histórico significa pensar expressamente o horizonte histórico coextensivo à vida que vivemos e seguimos vivendo.<sup>7</sup>

Ainda tomando como referência teórica Gadamer, essa postura reflexiva que o homem moderno adota diante do passado e do presente, visando assim abrir possibilidades para a emergência do futuro, chama-se interpretação. Para Gadamer, é necessário valer-se da interpretação, não somente quando o sentido de um texto escrito não é apreendido de imediato, mas também quando se quer decodificar, compreender, tudo o que é transmitido por uma época passada, uma tradição. Desta forma, para que haja a necessidade de interpretação é preciso, antes de tudo, um estranhamento diante do que se propõe a investigar. O estranhamento leva então a interpretação.

O homem moderno passa a estranhar as verdades, os valores, as normas, as instituições tradicionais e, com isso, adota uma postura de reflexão e interpretação diante de tudo o que é transmitido pelo passado. Essa transposição da noção de interpretação, onde épocas, com todos os seus valores e instituições podem ser interpretadas como se fossem textos escritos, segundo Gadamer, remonta a Nietzsche.

Para Nietzsche, não somente os textos escritos podem ser interpretados, mas tudo é passível de interpretação, pois todo sentido de algo que se deseja entender está escondido por baixo de inúmeras máscaras, que precisam ser arrancadas, para que o que está por baixo venha à tona e seja conhecido por todos.



De fato, o homem moderno adota uma postura interpretativa diante do passado e das instituições tradicionais. Essa tal postura reflexiva indica a consciência da historicidade do passado e do presente e, conseqüente a isto, da transitoriedade de toda instituição.

Nietzsche pode ser considerado um precursor dessa tomada de consciência histórica na modernidade e, ao mesmo tempo, seu crítico ferrenho. Ele faz uma leitura interpretativa do passado e das instituições tradicionais, visando destruir toda forma de verdades cristalizadas, valores e tradições, que ainda persistem na modernidade. Com isso, ele entra em choque com a religião cristã e com a tradição metafísica predominantes em seu tempo, que afirmam ser Deus a verdade primeira e última da humanidade. Ele eleva a tal extremo a sua oposição à metafísica e à religião cristã que acaba por estendê-la também à ciência moderna. Segundo Nietzsche, a ciência moderna tem algo em comum com a religião cristã: ambas constroem e exigem a demonstração da verdade. Sendo, por isso, intolerante com as outras formas e métodos de demonstrações da verdade.

A constituição da ciência moderna está inextricavelmente relacionada à busca por verdades incontestes. Essa pretensa busca por verdades irrefutáveis impede a aceitação e a validação de todo e qualquer pressuposto não comprovado cientificamente.

Em geral, a discussão que ronda a ciência moderna e, em específico, as ciências humanas está relacionada à ideia de método. Ter método significa “poder trilhar um caminho cognitivo de maneira tão consciente que se torna possível refazê-lo sempre. *Methodos* significa ‘caminho de seguimento’”.<sup>8</sup>

Para Nietzsche, o problema da ciência moderna e, em específico, da ciência história, está no método de busca da verdade dos fatos, que não aceita instâncias, intermediários, entre o conhecimento e sua aplicação na prática.

Segundo o pensador, a ciência moderna, e neste meio se inclui a ciência história, é um mal degenerador porque promove a cisão entre o conhecimento e a vida, isto é, dito de outro modo, entre um conhecimento, que quer ser puramente objetivo, comprovável cientificamente, sem o elemento da vida, e a vida, a subjetividade humana, a interioridade daquele que conhece.

De fato, a intenção da ciência moderna é superar pela via do conhecimento objetivo dos fatos a causalidade, o fortuito, o contingente, da experiência subjetiva humana. Contra esta pretensão da ciência moderna e dos homens modernos à verdade objetiva dos fatos e exclusão total do elemento subjetivo na elaboração do conhecimento, Nietzsche insurge-se em suas obras.

Diante do exposto, acreditamos que tais problemas compõem o primeiro estágio da consciência histórica moderna. Entretanto, Nietzsche ainda evidencia outros, de natureza diversa, mas que estão em correspondência com os problemas outrora explicitados, e acreditamos formarem o segundo estágio da consciência histórica moderna, qual seja: a doença moderna do sentido histórico de todas as coisas.

Na análise de Nietzsche, a ciência história na modernidade é contagiada pela febre do sentido histórico, do historicismo, o qual toma todo saber como saber histórico composto por fatos isolados, autônomos, progressivos, teleologicamente orientados, o que a faz deixar de lado o fortuito, o casual, o contingente, próprio da subjetividade humana.

Na sua obra de juventude “*Sobre a utilidade e a desvantagem da História para a vida*”, Nietzsche entende o sentido histórico como uma doença degeneradora da cultura moderna e o repudia. No entanto, ele ainda defende a sua importância para o desenvolvimento do indivíduo, do povo, da cultura, contanto que um determinado grau de sentido histórico não seja ultrapassado. Se o determinado grau de sentido histórico é ultrapassado, o indivíduo, o povo, a cultura perdem a vitalidade e entram em decadência.

Segundo Nietzsche, o que há de prejudicial nesse excesso de sentido histórico na modernidade é o perigo de sacrificar o presente e o futuro em detrimento de uma fixação pelo passado. Assim, para determinar até que ponto essa abordagem histórica é salutar para a o indivíduo, para o povo, para a cultura, Nietzsche sugere que seja desenvolvido a “força plástica”, força criadora, remodeladora do passado, que delimite até que ponto o passado deve ser esquecido, para que o presente e o futuro não sejam então ignorados.

#### **4. SÍNTESE: A LEMBRANÇA E O ESQUECIMENTO COMO TERCEIRO MOMENTO DA CONSCIÊNCIA HISTÓRICA MODERNA**

O animal, de fato, vive de maneira *a-histórica* (*unhistorisch*): ele está inteiramente absorvido pelo presente, tal como um número que se divide sem deixar resto; ele não sabe dissimular, não oculta nada e se mostra a cada segundo tal como o é, por isso é necessariamente sincero. O homem, ao contrário, ele defende contra a carga sempre mais esmagadora do passado, *que o lança por terra e ou o faz se curvar*, que entrava a sua marcha como um tenebroso e invisível fardo. (...) e a criança que não tem ainda um passado para negar e que brinca, na sua feliz cegueira, entre as balizas do passado e do futuro. Um dia, porém, sua brincadeira foi perturbada e sobreveio logo ser ela arrancada de sua inconsciência. Ela aprenderá então a compreender a palavra “foi” (*es war*), a fórmula que leva o homem aos combates, ao sofrimento e ao desprezo, e o faz lembrar que no fundo toda a existência é tão-somente uma eterna incompletude. Quando, enfim, a morte trazer o esquecimento desejado, ela suprimirá também o presente e a existência, selando assim esta verdade, de que “ser” (*Dasein*) não é senão um ininterrupto “ter sido”, uma coisa que vive de se negar e de se consumir, de se contradizer a si própria.<sup>9</sup>



Toda ação exige esquecimento, assim como toda vida orgânica exige não somente a luz, mas também a escuridão. Um homem que quisesse sentir as coisas de maneira absolutamente e exclusivamente histórica seria semelhante àquele que fosse obrigado a se privar do sono, ou a um animal que só pudesse viver ruminando continuamente os mesmos alimentos. É portanto possível viver, e mesmo viver feliz, quase sem qualquer lembrança, como o demonstra o animal; mas é absolutamente impossível viver sem esquecimento. Ou melhor, para me explicar ainda mais simplesmente a respeito do meu problema: há uma grau de insônia, de ruminação, de sentido histórico, para além do qual os seres vivos se verão abalados e finalmente destruídos, quer se trate de um indivíduo, de um povo ou de uma cultura.<sup>10</sup>

Para Nietzsche, não se pode rememorar o passado sem a faculdade do esquecimento. Na verdade, o esquecimento não é algo negativo que a historiografia deve superar, pelo contrário, ele é vital para a saúde de um indivíduo, de um povo de uma cultura. O indivíduo que não esquece é como se fosse “um animal que só pudesse viver ruminando continuamente os mesmos alimentos”. (Co. Ext. II § 1).

O esquecimento é necessário para impedir que o passado mumifique o presente. Mas, para determinar qual o grau correto de esquecimento, segundo Nietzsche, é imprescindível saber exatamente qual a “força plástica” (*force plastique*) do indivíduo, do povo, da cultura. A “força plástica” é que permite o indivíduo, o povo e a cultura desenvolverem-se saudavelmente. Ela é uma espécie de linha demarcadora, que os mantém dentro de certos limites, impostos para resguardá-los da decadência. Se não existe limite, de tudo eles se apropriam, o que pode fazê-los definharem e morrer pelo excesso de lembrança. Nietzsche chama esse limite de horizonte. O indivíduo, o povo e a cultura precisam traçar em torno de si um horizonte, uma linha de demarcação, que separe o momento do lembrar-se do esquecer; separe o momento do histórico do a-histórico.

Para Nietzsche, é preciso ignorar até certo ponto a dimensão histórica de todas as coisas, a fim de dar lugar à vida. A ausência de senso histórico, o momento a-histórico, que é o estágio do esquecimento, da inconsciência, é também importante para proteger a vida. A existência, segundo Nietzsche, é a conjugação do momento histórico com o a-histórico. O momento a-histórico é a bruma protetora para que haja a germinação da vida. Sem o invólucro da a-historicidade, da inconsciência, não é possível que ela exista e se desenvolva.

O pensador alemão defende que a vida precisa de um horizonte delimitador entre o estar consciente e o estar inconsciente. Esse horizonte é marcado pela dialética da memória, o eterno lembrar e esquecer, que possibilita o desabrochar da vida. Para ele, a vida precisa inextrincavelmente dos dois momentos, tanto do lembrar como do esquecer. Para que ela se



desenvolva saudavelmente, é necessário que ela oscile entre o histórico e o a-histórico, entre a consciência e a inconsciência.

A crítica que Nietzsche faz à história oitocentista é, na verdade, dirigida contra o método de abordagem e análise pura dos fatos, utilizado pelos historiadores cientificistas, os quais esqueceram que a vida precisa também do horizonte do esquecimento para se desenvolver. Isso causa na modernidade o excesso de consciência histórica, que o autor tanto critica.

A doença histórica, que Nietzsche felizmente retrata na *II Consideração Extemporânea*, é causa da falta de esquecimento e do exacerbo de consciência histórica que acomete a historiografia do século XIX. O remédio, segundo o autor, é equilibrar a vida entre a consciência e a inconsciência, entre o histórico e a bruma a-histórica.

## **BIBLIOGRAFIA**

### **FONTES**

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *Da utilidade e desvantagem da história para a vida*. Trad. Marco Antonio Casanova. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2003.

\_\_\_\_\_. *Escritos sobre história* (Org: Noéli Correio de Melo Sobrinho). Trad. Noéli Correia de Melo Sobrinho. Rio de Janeiro: Edições Loyola, 2005.

\_\_\_\_\_. *Considérations Inactuelles I et II : David Strauss, l'apôtre et l'écrivain - De l'utilité et des inconvénients de l'histoire pour la vie suivi de Fragments Posthumes (été 1872 - hiver 1873-1874)* (ŒUVRES PHILOSOPHIQUES COMPLÈTES, II, 1) [1990], trad. de l'allemand par Pierre Rusch . Édition de Giorgio Colli et Mazzino Montinari, 552 pages.

\_\_\_\_\_. *Obras incompletas*. Tradução e notas de Rubens Rodrigues Torres Filho. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

### **BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR**

BOURDÉ, Guy; MARTIN, Hervé. *Las Escuelas históricas*. 2ed. Madri: Akal, 2004.

CASANOVA, Marco Antônio. *O instante extraordinário: vida, história e valor na obra de Friedrich Nietzsche*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.

DUARTE, Regina Horta. *Nietzsche e o Ser Social Histórico ou Da utilidade de Nietzsche para os estudos históricos*. Cadernos Nietzsche 2, p. 55-65, 1997.

FONTANA I LAZARO, Josep. *Historicismo e nacionalismo*. In: A história dos homens. Tradução: Heloisa Jochims Reichel e Marcelo Fernando Da Costa. São Paulo: EDUSC, 2004.

GADAMER, Hans-Georg. *O problema da consciência histórica*. Organizador: Pierre Fruchon. Tradução: Paulo César Duque Estrada. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

\_\_\_\_\_. *Verdade e Método II. Complementos e índice*. Tradução: Ênio Paulo Giachini. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

GUÉRON, Rodrigo. *Como Nietzsche compreende “história” e a descrição do “século da história”*. In: Barrenechea, Miguel angel de; Feitosa, Charles; pinheiro, Paulo ( org). *Assim falou Nietzsche IV: A fidelidade á terra*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003. p. 127-137.

HALÉVY, Daniel. *Nietzsche: uma biografia*. Trad. Roberto Cortes de Lacerda e Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Campus, 1989.

ITAPARICA, André Luiz Mota. *Nietzsche e o sentido histórico*. Cadernos Nietzsche 19, p. 79-100, 2005.

MARROU, Henri Irénée. *Do conhecimento histórico*. Tradução: Ruy Belo. 2 ed. Lisboa: Editorial Aster, 2007.

MARTON, Scarlett. *Nietzsche, filósofo da suspeita?* Rio de Janeiro: Casa da Palavra; São Paulo: Casa do Saber, 2010.

\_\_\_\_\_. *Nietzsche: das forças cósmicas aos valores humanos*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2000b.

REIS, José Carlos. *História & Teoria: Historicismo, Modernidade, Temporalidade e Verdade*. 3 ed. Rio de Janeiro. Editora: FGV, 2006.

\_\_\_\_\_. *História da “consciência histórica” ocidental contemporânea: Hegel, Nietzsche, Ricoeur*. Belo Horizonte. Editora: Autêntica, 2011.

LEFOR, Claude. *O Sentido Histórico: Stendhal e Nietzsche*. In: Tempo e História. (Org.) Adauto Novais. São Paulo: Companhia das Letras: Secretaria Municipal da Cultura, 1992, p. 119-129.

## Notas

<sup>1</sup> Georg Niebuhr (1776-1831), historiador alemão. Trata-se de um autor citado por Nietzsche, nas extemporâneas, quando este se refere à importância da atmosfera a-histórica para a produção de todo grande acontecimento histórico.

<sup>2</sup> Lepold Von Rank (1795-1886), historiador alemão. É considerado o fundador do historicismo alemão, vertente que Nietzsche tanto critica em seus escritos de juventude.

<sup>3</sup> Johan Gustav Droysen (1808-1884) estudou em Berlim com Hegel. É contra o Positivismo, e a favor do Historicismo.

<sup>4</sup> Jacob Burckhardt (1818-1897), historiador suíço da cultura e amigo de Nietzsche na Universidade da Basileia.

<sup>5</sup> NIETZSCHE, Friedrich. *Segunda Consideração Intempestiva*. In: Escritos sobre História. Tradução: Noéli Correia de Melo Sobrinho. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio, 2005, p. 90.

<sup>6</sup> GADAMER, Hans-Georg. *O problema da consciência histórica*. Organizador: Pierre Fruchon. Tradução: Paulo César Duque Estrada. Rio de Janeiro: FGV, 2006, p. 8.

<sup>7</sup> Idem, p. 9.

<sup>8</sup> GADAMER, Hans-Georg. *Verdade e Método II. Complementos e índice*. Tradução: Ênio Paulo Giachini. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002, p. 61.

<sup>9</sup> Idem, p.71.

<sup>10</sup> Ibid, p. 72-73.